

Na ASA, 4 segundas-feiras consecutivas, sempre às 19h30

Os sefaradis desvendam novos segredos

DIA 14 DE MARÇO

A EVOLUÇÃO DO LADINO ATRAVÉS DAS MELODIAS SEFARADIS – professora Cecília Fonseca da Silva
Participação do hazan Alberto Levy e do Grupo de Cultura Sefaradi Angeles i Malachines

DIA 21 DE MARÇO

JUDEUS PORTUGUESES NO BRASIL CONTEMPORÂNEO – professora Helena Lewin
Dois heróis luso-brasileiros: os irmãos Sequerra – Nelson Menda (estudioso da cultura sefaradi)

DIA 28 DE MARÇO

CASTRO ALVES E SUAS GRANDES PAIXÕES – Anna Bentes Bloch (vice-presidente do Conselho Deliberativo da FIERJ).
HEBREIA, MUSA SEFARADI DE CASTRO ALVES – Luiz Benyosef (presidente do Memorial Judaico de Vassouras)

DIA 4 DE ABRIL

SEGREDOS DA CULINÁRIA SEFARADI – Viviane Behar (quituteira, especializada em burekas).
Participação do Grupo Angeles i Malachines, interpretando melodias que dão água na boca.
Grand finale à base de degustação de burekas e dos pratos campeões do Primeiro Concurso Mundial de Receitas Judaicas de Berinjela.

As inscrições devem ser feitas com antecedência na secretaria da ASA
(2539-7740 ou 2535-1808, das 10 às 18 horas, ou pelo e-mail asa@asa.org.br),
fornecendo nome completo, telefone e e-mail.

Preço do ciclo: R\$ 30 (sócios quites com as trimestralidades) e R\$ 40 (não sócios), a serem pagos no dia da primeira mesa – Palestras avulsas: R\$ 15

Lembranças dos judeus que vieram expulsos do Egito

LEIA JÖELLE ROUCHOU NAS PÁGINAS 4 E 5

E MAIS...

2

EDITORIAL
Terras em transe

3

ABORTO
É preciso informar
HELIO HOLPERIN

6

TANGO
Uma história de inclusão
HELIE TE VAITSMAN



8

ISRAEL
O pecado original
URI AVNERY

10

BECO DA MÃE
O rebe e eu
HENRIQUE
VELTMAN

11

ENTREVISTA/
CLAUDIA
ALVARENGA
Seguindo a
canção

12

NOTAS

Dia 17/4
Pré-Seder
da ASA
Reservas na
secretaria





Terras em transe

*Mais fortes são os poderes do povo!
(Cangaceiro Corisco, no filme Deus e o Diabo na Terra do Sol, de Glauber Rocha)*

Tudo começou com a revolta de um modesto comerciante tunisiano. Foi a fagulha que desencadeou uma surpreendente onda de protestos que continua varrendo países árabes dominados por oligarquias corruptas e submetidas à dominação neocolonial. Até agora, sublevações populares forçaram a deposição dos ditadores do Egito e da Tunísia.

A insurreição egípcia não teve os elementos clássicos dos levantes de massa. Com as organizações da sociedade civil dizimadas pela repressão policial, o povo foi às ruas sem lideranças expressivas e sem um programa unitário de reivindicações. A ira popular não tinha raízes religiosas, nem privilegiou aspectos geopolíticos. Como bem observou um sociólogo, nas ruas do Cairo reivindicava-se liberdade, não o retorno do Profeta. Era, enfim, uma gigantesca erupção num país sufocado por índices vergonhosos de pobreza (quase metade dos egípcios vivem com até 2 dólares por dia) e cansado pela absoluta falta de liberdade de expressão. Os aliados externos da ditadura jamais esconderam sua preferência pela “estabilidade”, em detrimento dos reais interesses do povo egípcio. Isso não será esquecido.

O ditador Mubarak foi deposto, mas não houve uma revolução. Os pilares do regime permanecem intactos, as Forças Armadas não demonstram a menor inclinação nacionalista (dependem de 1 bilhão e 300 milhões de dólares anuais enviados pelos EUA para se manter) e suas credenciais democráticas são, no mínimo, duvidosas. Há sinais de conchavos pelo alto, com ativa participação norte-americana, para que, com algumas reformas cosméticas, prevaleça a máxima de Giuseppe Lampedusa: “Tudo deve mudar para que tudo fique como está.”

A praça Tahrir, epicentro das manifestações, será varrida da memória popular? Os espaços abertos com o fim da ditadura serão aproveitados para politizar e organizar o povo? Conseguirão os partidos políticos, que certamente (res)surgirão, mobilizar as massas na luta por democracia social e econômica, num quadro de libertação nacional? O chão está se mexendo, e nós, judeus progressistas, só podemos saudar o movimento dos povos árabes por conquistas democráticas. Se elas vierem, nada será como antes no Oriente Médio. ■

Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação

Rua São Clemente, 155 – Botafogo
Rio de Janeiro – RJ – CEP 22.260-001
Tel:(21)2535-1808 Telefax:(21)2539-7740
Home page: www.asa.org.br e-mail: asa@asa.org.br

Presidente Mauro Band
Vice-presidentes Horácio Itkis Schechter z'! e Gitel Bucaresky
Secretárias Tania Mittelman e Rosa Goldfarb
Tesoureiros Moisés Ghersgorn e Fany Haus Martins
Diretores Jacques Gruman, Clara Goldfarb, Marcos David Somberg, Fanny Cytryn e Esther Kuperman



ASA JUDAÍSMO E PROGRESSISMO é o órgão informativo e de divulgação cultural bimestral da Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação.

Home page: www.asa.org.br
e-mail: asa@asa.org.br

Editora e Jornalista Responsável

Sara Markus Gruman - (Reg. Prof. nº 12.713)

Colaboradores do Boletim: David Somberg, Esther Kuperman, Heliete Vaitsman, Henrique Veltman, Jacques Gruman, Renato Mayer e Tania Mittelman

Programação Visual: Hama Editora

Impressão: Stampapa

Tiragem: 2.200 exemplares

As matérias assinadas são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam necessariamente os pontos de vista da Diretoria da ASA. É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desde que citada a fonte.

NA ASA

Coreógrafo Rafael Barreto de Castro



Estes dançam



Regente Claudia Alvarenga

Estes cantam

DANÇA ISRAELI - Toda terça, às 18h30
CÍRCULO DE LEITURA EM PORTUGUÊS -
Quinzenalmente, terças, às 15h30
CORAL DA ASA - Ensaios toda quarta, às 20h
AULAS DE ÍDISH - Quinzenalmente, quintas, das 19 às 20 horas,
com Moisés Garfinkel

Estacionamento no local (pago) Saída S. Clemente da Estação Botafogo (sentido Humaitá)

É preciso informar

Helio Holperin / Especial para ASA

A oportuna discussão sobre o aborto no Boletim 128 da **ASA** me permite fazer algumas reflexões. A primeira é: quando começa a vida humana? Tal momento pode ser debatido sob a ótica médico-científica e sob a ótica filosófico-religiosa.

Sob o enfoque médico, o processo da reprodução começa com a fertilização, ou seja, quando o óvulo se une ao espermatozoide. Nesse momento, já existe um ser humano em potencial. Não temos dúvida de que essa célula viva reprodutora é extremamente inteligente, caso contrário, como conseguiria deflagrar um dos maiores espetáculos do crescimento (me perdoem) da vida humana. É bom lembrar que o código genético funciona como se fosse o gerente de uma fábrica de material de construção, e com esse código se produz todo o material necessário para a “obra”. Não obstante, a posse de todo o material é insuficiente para se obter o produto final. É necessário algo muito mais importante para se concluir esse projeto: precisa-se da “planta”, do “mapa”. Com tijolo e cimento pode-se construir qualquer forma, com proteínas também. Acredito que essa planta é a inteligência do grupo de células reprodutivas. Até hoje a ciência não foi capaz de localizar esse mapa, que continua sendo um dos grandes mistérios da vida humana. Considerando a sofisticação de reações, evoluções e construções biológicas que ocorrem de zero até o terceiro mês de existência, pode-se dizer que esse período requer uma inteligência muito maior do que o dos seis meses seguintes, quando ocorre, predominantemente, apenas um crescimento do que já existe. O dicionário do Houaiss define inteligência como a faculdade de conhecer, compreender e aprender; a capacidade de resolver novos problemas e conflitos e de adaptar-se a novas situações; o conjunto de funções psíquicas e psicofisiológicas que con-

tribuem para o conhecimento, para a compreensão da natureza das coisas e do significado dos fatos. Portanto, é inquestionável a necessidade da inteligência para a construção do novo ser.

Portanto, tenho dificuldade de afirmar qual seria o momento mais adequado, considerando o foco médico, para se interromper o processo reprodutivo. A célula ovo original começa a se multiplicar freneticamente e gera uma questão: abortar mil células é diferente de abortar um bilhão de células?

Ao utilizar os argumentos descritos acima, gostaria de lembrar que mesmo

É trágico ver as práticas bizarras que as meninas fazem para se livrar da gestação.

fetos com doenças graves e que terão dificuldade de sobrevivência fora do útero também podem ser considerados vida inteligente. Essa realidade independente de reconhecer o sofrimento imenso dos pais.

No boletim referido, o professor Francis Kaplan questiona a existência de vida em um embrião ao dizer que este não é uma vida em potencial, pois depende da mãe em demasiado. A meu ver, seria necessário conhecer mais profundamente os argumentos do doutor Kaplan, que, no artigo, são insuficientes. Os chilenos Maturana e Varela, neurocientistas respeitados mundialmente, definiram que um ser vivo é uma entidade biológica auto-organizada e autônoma. Esta autonomia é a capacidade de se gerar e de se manter integrado. Deixo ao leitor a delicada e, reconheço, controversa avaliação desses conceitos.

A ciência tem mais facilidade de indicar a interrupção, com as exceções costumeiras, quando a continuidade da gravidez coloca em risco a sobrevivência da gestante.

O segundo enfoque relevante é o filosófico-religioso. Tudo seria mais fácil na esfera religiosa. Afinal, se sabemos quando a alma humana se estabelece no corpo em formação, atribuição que concerne às religiões, a solução estaria pronta. Mas parece que não é bem assim. Li com grande interesse os artigos dos dois sacerdotes no referido Boletim e fiquei surpreso com a elasticidade conceitual entre as posições de diversos religiosos apresentadas no texto do rabino Leone. O texto do rabino Weitman está afinado com os argumentos que debati sobre a questão médica.

No meu trabalho, muitas vezes sou convidado a me pronunciar sobre a interrupção de uma gravidez. Sempre me surpreendo quando sou obrigado a esclarecer que o aborto não é um método anticoncepcional.

É muito difícil discutir sobre esse tema quando o foco é saúde pública. É trágico ver as práticas alternativas bizarras que as meninas fazem para se livrar da gestação. Trabalho em uma favela na periferia do Rio de Janeiro e sou testemunha de barbaridades. Algumas o fazem por ignorância, outras, por desespero. Tanto em um caso quanto em outro, discurso simplista ou demagógico não resolve o problema.

Dirijo uma instituição humanitária e desenvolvemos um projeto de prevenção de gravidez na adolescência. Temos dificuldade de avaliar os resultados, pois as ações são itinerantes, mas temos certeza de que a informação e a formação que levamos fazem toda a diferença. ■

Helio Holperin, médico homeopata, é professor de Homeopatia da PUC-Rio e presidente da ONG Médicos Solidários.

Do Egito ao Rio

Joëlle Rouchou / Especial para ASA

“...porque foram desterrados do Egito e não puderam demorar-se, e tampouco provisões para o caminho fizeram para si.” (Êxodo XII, 39)

Se o primeiro foi aquele descrito no Pentateuco, o segundo êxodo dos judeus do Egito aconteceu logo após a nacionalização do Canal de Suez, em 1956, por ordem de Gamal Abdel Nasser. Dessa vez sem ter Moisés como guia para abrir o Mar Vermelho. Todos os anos os judeus comemoram Pessach – a Páscoa judaica –, há, segundo os livros sagrados, 4 mil anos. Essa festa é passada em família e lê-se a *Hagadá*, que narra, com detalhes, a origem do judaísmo – retrocedendo até os primeiros antepassados – e descreve as transformações do povo no Egito, as pragas e a saída da terra onde os judeus eram escravos. Nos jantares repete-se a cada ano: “éramos escravos do Faraó do Egito, e o Senhor libertou-nos do Egito com mão poderosa.” É a festa da libertação.

Depois de liberados, levas de judeus durante mais de cinco séculos voltaram ao Egito, fugindo de outras expulsões. Por que essa volta à terra onde seus antepassados foram escravos? As razões podem ser históricas, conjunturais e econômicas, não é uma questão que trataremos aqui. Talvez essa saída do Egito fique no imaginário, não passe de outra fuga dos judeus de terras como Portugal, Espanha e Alemanha. O símbolo da expulsão, da saída apressada, sem dar tempo de o pão fermentar, repetiu-se. Ouvi os últimos expulsos do Egito do século 20, sua versão para os acontecimentos, como perceberam a saída e como reconstruíam suas vidas, identidades, o que transmitem para a segunda geração, sob o manto da memória, na cidade do Rio de Janeiro.

Expulsos do local que consideravam sua terra, muitos lá estavam há mais de três gerações e tinham até um passaporte egípcio, uma cidadania oficial, da qual se orgulhavam. Construíram-se como cidadãos alexandrinos ou caiotas com todo o cosmopolitismo em voga desde o início

do século 20. Após a guerra do Canal de Suez, no final de 1956, Nasser quis nacionalizar não somente o Canal, mas a população, exigindo que todos os estrangeiros voltassem para seus países de origem. Na categoria estrangeiro entraram também os judeus, mesmo aqueles com passaporte egípcio, o que coloca um problema étnico: etnia e cidadania são a mesma classificação? Para resolver esse truísmo, Nasser decreta que os cidadãos egípcios de fé judaica que “quissem” sair do Egito – na verdade por serem judeus – teriam de abrir mão de sua nacionalidade egípcia. Para o Brasil vieram cerca de 350.

Ser obrigado a deixar de ser o que se

Na categoria estrangeiro entraram também os judeus, mesmo aqueles com passaporte egípcio.

levou anos sendo era uma questão que merecia um olhar investigativo. Com uma assinatura forçada, um cidadão transformava-se num ser sem pátria, sem documentos – apenas um *laisser-passer* que lhe permitia ir para outro país e nesse novo local travar uma batalha para poder existir. Vários judeus do Egito passaram por essa situação de pária.

A primeira memória a ser reativada era a minha, com todas as histórias que ouvi durante a infância, que sempre pareciam fantasiosas, com ingredientes orientais que iam desde dança do ventre, amêndoas e tâmaras até por do sol colorido, e muitos perfumes. Nasci em Alexandria. Aos três meses, em 1957, fui trazida para o Rio de Janeiro a bordo do navio Giulio Cesare com mais de trinta pessoas que também

fariam o mesmo trajeto apenas com passagem de ida: Alexandria/Gênova/Rio de Janeiro. Cresci ouvindo as histórias do Egito, e a condição árabe-judaica nunca me pareceu uma contradição. Tudo indica que o é. O Egito tolerante e cosmopolita, assim como um mundo árabe que aceite outra vez os judeus, e o Estado de Israel recebendo dignamente palestinos, parece uma utopia. Serão etnias tão diversas?

Ao investigar a construção da identidade, da memória, e a transmissão feita pelo grupo de exilados do Egito que entra no Rio de Janeiro como imigrante, em 1956/1957, por meio de entrevistas, tratou-se de subjetividade, interpretação e análise. Recorremos a questões de memória, exílio, trauma, afeto, emoção e até saudade, temas que emergiam dos mergulhos internos de cada um. Cada entrevista eram viagens por Egitos diferentes, mas iguais no afeto, no cheiro, nas praias, no lirismo. No ato da narração eles revelaram suas fragilidades, alguns medos e reconstrução.

As representações do passado dessas pessoas apontavam para um caleidoscópio de visões, de pertencimentos. Observou-se a dificuldade em aceitar a condição de exilado, sendo preferível o status de imigrante. A tese pretendia contribuir para o entendimento da questão da identidade judaica em país árabe e sua adaptação num país tropical. No contato com os entrevistados e seu entorno domiciliar, as diversas identidades se alternavam, ora o judeu-árabe saudoso de sua terra, ora o judeu sefardita aprendendo a integrar-se na sociedade, o homem, a mulher, brasileiros, definitivamente. Eles se reconstruíam com materiais brasileiros, com vivências e experiências no início alheias às suas, mas que rapidamente ressignificaram para a

adaptação no Rio de Janeiro. A decoração das casas e do consultório que visitei privilegia poucos objetos árabes. A casa de C., em Copacabana, tem objetos franceses misturados numa estante de cerejeira tipicamente brasileira. As paredes da casa de S. são cobertas de quadros assinados por artistas brasileiros, sem nenhum detalhe do pôr-do-sol egípcio que lhe faz falta. Se em 1957 eles ainda trouxeram o Egito para dentro de suas casas e de suas cabeças, me pareceu que essa imagem se esfumaça nos apartamentos que ocupam hoje nos bairros cariocas.

As visões do Egito daquele momento específico eram verdadeiras caixas de Pandora particulares, das quais cada um tirou seus brinquedos, suas dores e seus troféus. E as sensações. Foi possível abordar a memória dos sentidos, e nela seguir até o nível mais profundo. Cada um trouxe seu cheiro preferido, que ainda busca nas esquinas da cidade do Rio de Janeiro. Outros, como a mãe de T., trouxeram seus objetos de primeira necessidade, uma imagem inesquecível das latas de mantimentos e a frigideira debaixo do braço para fugir do antisemitismo que despontava. Ou ainda as egípcias em busca, nas feiras do Rio, da tal folha verde, a *melorreia* (que, misturada ao alho e a carne moída, dá uma sopa deliciosa), para saborear o gosto do Egito. Nem por isso deixam de preparar feijoadas e caipirinhas. Essa soma de culturas e costumes é enriquecedora. Essa combinação dos gostos, do cheiro do Mediterrâneo com a forte maresia do Atlântico que se constrói em cada sujeito, permite perceber a negociação que se faz e que ficou evidente nos relatos.

Nenhum deles recorreu a álbuns de fotografias para mostrar suas cidades, seus pais, avós, casas, clubes, praias. Essa falta de suporte material tornou-se uma questão para mim, pois num primeiro impulso queria perguntar-lhes se tinham fotografias do Egito. Entretanto, como havia tomado a decisão de interferir o mínimo possível em suas falas, optei por utilizar essa cegueira pictórica e pensar nela como silêncio e esquecimento, dois componentes da memória. Eles talvez tenham se “esquecido”

de mostrar as fotografias ou privilegiaram a imaginação e as palavras.

Não apresentaram o Egito dos anos 1950, nem o de hoje. Por um lado, talvez seja possível inferir que esse Egito, mais uma vez, é particular e não concretizável. Uma fotografia vulgarizaria o imaginário delicadamente construído por cada um. As praias de Stanley, os restaurantes do Cairo, as sinagogas, os doces, os clubes não dariam, em fotografia, a dimensão das imagens que cada um acalenta. Essa teia sutil e egoísta supõe também uma proteção: *seu* Egito permanece intocável diante da expulsão, do tempo, das erosões e mudanças. Ele sobrevive graças ao mistério não revelado, talvez inconscientemente, ao público. Preferiram guardar esses Egitos deitados em álbuns de capa de couro com cantoneiras.

Esse lugar do passado é um não lugar, uma representação que permanece no simbólico, mas que muitas vezes é descrito

A condição do árabe e do judeu permanece na nova identidade, a de brasileiro-judeu-árabe.

com os verbos no presente. A análise ainda permitiu que se medisse um alto grau de tolerância e de aceitação por parte dos entrevistados imigrantes em relação aos outros. C.A., que mais mágoa trouxe do Egito, cercou seu passado de segredo, e seus filhos não experimentaram o sentimento surdo e doloroso da expulsão. Nem as alegrias do povo mediterrâneo.

Pudemos perceber que, nesse grupo no Rio de Janeiro, a condição do árabe e do judeu permanece na nova identidade agregada, a de brasileiro-judeu-árabe. Em relação à situação conflituosa no Oriente Médio, não ouvi nenhuma manifestação de mágoa com o governo que os expulsou. Não condenaram Nasser. Não poderia afirmar que compreenderam a expulsão, mas viraram a página da guerra de Suez e se refizeram com os pedaços semitas que

totalizam. Até mesmo por uma questão de sobrevivência.

Eles se emocionam ao ouvir música árabe, frequentam restaurantes libaneses, confraternizam e falam árabe com pares não judeus. Nas refeições de festas judaicas, comemora-se com comida árabe. Por exemplo, ao final do Dia do Perdão, quando se quebra o jejum, a comida é o ful – favas à egípcia, – homos e tehina, quibe e pitas (pão árabe), entre outras iguarias.

A condição de judeu, a identidade judaica, essa questão exaustivamente trabalhada por diversos pensadores, me parece que ficará sem definição. Se no início da pesquisa tinha algumas dúvidas, percebo que o fato de analisar identidades em construção, na verdade, escondia a questão da etnicidade judaica. Se percebi, no jogo das identidades, processos permanentemente em construção, não poderia chegar a nenhuma conclusão ou definição do ser judeu-do Egito-brasileiro. Esse processo ainda está – e continuará – se construindo. ■

Joëlle Rouchou, jornalista, doutora em Comunicação e Cultura pela ECA/USP, é pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa. Texto baseado na tese de doutorado “Noites de verão com cheiro de jasmim”, publicada em livro com o mesmo título (Ed. FGV, 2003).

**ber
vel**

**Bervel
empreendimentos**

Administração de condomínios
Locação de imóveis
Assessoria imobiliária

Centro: 2212-6100
Fax: 2212-6101
Barra: 3321-5871 / 3325-4241
Fax: 3325-1555

www.bervel.com.br • bervel@bervel.com.br

Uma história de inclusão

Heliete Vaitsman / Especial para ASA

Nos seus primórdios, por volta de 1880, o tango era uma espécie de “refúgio do imigrante”, quer este fosse italiano, espanhol ou judeu: válvula de escape, ouvido e dançado por pares de homens nos prostíbulos, forma de expressão perfeita para as massas que, tendo fugido da miséria e/ou das perseguições, levavam uma vida de trabalho duro e moradia precária, sobretudo em Buenos Aires. Já no século 20, surgiram as letras, retratando temas urbanos. Com o tempo, e a gradual inserção sócio-econômica dos filhos dos imigrantes (facilitada pela educação universal obrigatória não só no papel, mas de fato), a aspereza da música, uma fusão cultural única, foi substituída por novos acordes e novas harmonias. Também se passou a aceitar a sensualidade da dança, a princípio repudiada tanto pela moral burguesa como pelas famílias cujas línguas e costumes se misturavam nos superlotados cortiços, os *conventillos* (o “*patio del conventillo*” faz parte das reminiscências portenhas, tendo sido retratado, ora com nostalgia, ora em tom de denúncia, em inúmeras letras de música, poesias e romances).

Após uma fase de declínio, entre 1960 e final da década de 1980, o tango recuperou o vigor e chegou ao século 21 renovado, *cult*, com o lançamento de filmes, livros, gravações. Nessa renovação se incluí o “*tango judío*” – expressão que não significa um estilo próprio, mas refere-se principalmente ao fato de que há um tango composto, tocado ou cantado por compositores, instrumentistas e cantores judeus e, secundariamente, às versões em ídich feitas para letras tradicionais. Pois, ao contrário do que acontece no Brasil, onde se diz que alguém é “de origem

judaica”, na Argentina (e no Uruguai) o judeu é judeu sem meias palavras. A não ser que oculte isso mudando de nome ou sobrenome.

E essa mudança aconteceu com alguma frequência no universo do tango. “Se você quer cantar tango, não pode se chamar nem León nem Zuker”, aconselhou o poeta Celedonio Flores ao cantor que se tornou Roberto Beltrán. Os pais de Zuker vinham de Lodz, Polônia, e a família, de nove filhos, vivia num cortiço de 35 quartos, ao lado do Mercado de Abasto (centro de abastecimento, hoje transformado em shopping), onde o pai tinha uma

**“Se você quer cantar tango,
não pode se chamar nem
León nem Zuker.”**

banca de costura. Conta-se que em 1953 León estava ao microfone de uma rádio quando policiais invadiram o local para prendê-lo por ter feito comentários contra Eva Perón. O maestro passou-lhe a chave do carro e disse “só pare no Brasil”. León obedeceu: com o pseudônimo de Ricardo Ponce de León, acabou cantando dois anos por aqui, até a queda de Perón.

Ao compor o conhecido tango *Cordón* (1972), Bernardo Lerman, nascido em Santa Fé, filho de um sapateiro ucraniano, já se chamava Chico Navarro. “*Viejo cordón de mi vereda/paredón de suelas, tropezón de amor*”, assim começa a letra, evocação nostálgica e metafórica que leva o ouvinte ao passado recente “*de una ciudad que va creciendo a gritos*”. *Cordón* significa o meio-fio (da *vereda*, calçada), símbolo

da modernidade, contraponto às ruas de terra aonde não chegavam os benefícios e os riscos do centro da cidade.

Outro filho de sapateiro, Isaac Rosofsky se transformou no famoso radialista Julio Jorge Nelson, ou El Rusito (apelido comum a milhares de outros judeus). Ele foi um dos responsáveis pelo culto a Carlos Gardel: chamou-o de “o bronze que ri” e cunhou, depois da morte do ídolo, a popular expressão segundo a qual Gardel “cada día canta melhor”.

A maioria dos judeus do tango, porém, não foi de figuras de primeira linha. Instrumentistas, permaneceram em geral anônimos, a não ser quando enveredavam pela carreira de maestros e formavam orquestras que tocavam nas rádios e em bailes, caso de Israel Kafún/Raul Kaplun. O nome Raul foi dado pelos vizinhos de cortiço, que não sabiam pronunciar o “Isrul” com que o menino era chamado em família. O pai, *clientéltchik* bessarábio, o enviou ao *hêder*, mas também a um professor de violino, aos oito anos, e o filho chegou a ser considerado como o iniciador do virtuosismo violinístico no tango.

Nos anos 1930, auge do tango no mundo, a comunidade judaica argentina em geral, e portenha em particular, tinha vida cultural intensa (jornais diários, grupos teatrais, escolas, corais). Os portenhos que entravam na classe média tinham onde se divertir nos fins de semana: havia futebol, jogo, cafés, cinemas, teatros, cabarés, salões de baile, piqueniques nos jardins de Palermo. Dos bairros, em bondes apinhados, homens e mulheres nas suas melhores roupas iam para as *calles* Corrientes e Florida aos sábados e domingos, a “*reventar la noche*”. Segunda-feira, todos ao trabalho mal pago novamente, enquanto sonhavam em ganhar na loteria, como

diz o tango *Lunes...* Os judeus estavam integrados nisso tudo.

Segundo Julio Nudler, jornalista econômico e aficionado do tango, autor de *Tango Judío – del ghetto a la milonga* (Ed. Sudamericana), a relação entre os judeus e a música popular argentina por excelência foi “complexa, contraditória e inclusive silenciada”. Primeiro, porque os músicos da primeira geração nascida na Argentina vinham de famílias apegadas às tradições, e a introdução da prole ao tango se deu nos bordéis controlados pela Zwi Migdal (organização de exploração da prostituição) ou em cabarés de má fama. Depois, porque os que fizeram do tango seu meio de vida abandonaram os círculos judaicos, integrando-se rapidamente aos processos culturais da sociedade maior e ao espaço cosmopolita.

A liberdade do espaço urbano incluía a adesão à vida boêmia, contraponto à rotina diurna. Uma liberdade positiva para o homem, complicada para a mulher, como indicam dezenas de versos que são protótipos das obsessões tangueiras, como *Milonguita* (1920), letra de Samuel Lining e música de Enrique Delfino:[...] *Estercita./hoy te llaman Milonguita./flor de noche y de placer./flor de lujo y cabaret. Milonguita./los hombres te han hecho mal/ y hoy darías toda tu alma/por vestirse de percal [...]*. Nessa letra, está presente a “perdida” que subiu na vida, mas sonha em vestir-se de novo de percal (algodão barato)! Terá o autor se inspirado numa amiga de juventude? Muitos se fizeram a pergunta, mas o nome definitivo da musa nunca foi esclarecido.

Ninguém fazia para o tango letras especiais em ídish – o que havia eram, além de algumas versões, trechos de versos. O tango pertencia ao novo mundo, ainda que tivesse pontos em comum, como o uso do violino, com a música judaica do leste europeu, o klézmer, hoje motivo de numerosas regravações, que podem ser apreciadas no www.youtube.com. Ali, é possível encontrar e ouvir intérpretes

atuais de tango em espanhol e ídish, a exemplo de Zully Goldfarb ou Lloica Czackis (alemã, filha de argentinos, se apresenta na Europa com versões em ídish originais do teatro de Buenos Aires e de Nova York dos anos 1930 e 1940; mais informações em <http://www.lloicaczackis.com/recordings>).

Outros “herdeiros” são jovens instrumentistas que unem talento e técnica, como o bandoneonista Marcelo Nisinman, discípulo de Piazzola. Pois o tango há muito deixou de ser reduto de idosos. Por exemplo, o cineasta Gabriel Pomeranec, nascido em 1975, lançou há dois anos o filme *Tango, una historia con judíos*. E havia gente de todas as idades, em agosto último, numa exposição conjunta (feita pela Casa Carlos Gardel e pelo Museo Judío de Buenos Aires) de fotos, partituras e discos. O título da mostra dizia tudo: *Del barco*

O tango *Yánkele (Mi muchacho)* foi feito para a peça radiofônica *Soy judío*.

a la milonga. Judíos bien porteños. La influencia de la comunidad judía en la historia del tango.

Dos nomes relacionados por Julio Nudler, 37 são violinistas, cinco pianistas, seis bandoneonistas, seis maestros, seis cantores e um violonista. O bandoneon, instrumento do tango, foi mal-visto no início pelas famílias, que sonhavam com a prole em orquestras clássicas. Luis Zinkes, filho de um carpinteiro lituano, chegou a ser expulso de casa quando trocou o violino pelo bandoneon. Zinkes, aliás, foi um caso raro: converteu-se ao catolicismo por influência da mulher e trocou as orquestras de tango por um emprego numa funerária. Outros deixaram a música profissional para se tornar contadores, comerciantes, advogados, mas mantiveram os vínculos com a cultura judaica.

Alguns judeus foram protagonistas do tango em outro aspecto, o empresarial, como Julio Korn e Ben Molar (edição de partituras e arranjos), Max Glücksmann (discos e concursos) e os irmãos Rubinstein. Molar “vivia” na França e “enviava” a si mesmo, ou seja, a Moises Smolarchik Brenner, boleros supostamente compostos em Paris e que Moises então distribuía aos cantores. Em 1942, relata Nudler, Luís Rubinstein escreveu a letra de *Yánkele (Mi muchacho)*, intercalando versos em ídish e com música do irmão Elias. O tango foi feito para a peça radiofônica *Soy judío*, transmitida com sucesso pela rádio Del Pueblo para um público que mantinha fortes vínculos afetivos com a Europa, onde ser judeu era, naquele momento, sinônimo de condenação à morte.

Mas coube ao *goi* Osvaldo Pugliese – compositor, pianista, maestro e militante comunista, dono de orquestra popularíssima – fazer, com o jovem parceiro Santiago Velaz, o tango *Judía*, que não figura em nenhuma lista de “cem melhores”. Corria o ano de 1952 (anterior, portanto, à fase das canções de protesto) e Pugliese pediu a Velaz uma letra de condenação à discriminação religiosa. De fato, o que o motivava era a paixão por Lídia Elman, com quem Pugliese, casado e quarentão, começara uma relação em 1949, quando a moça tinha pouco mais de 15 anos.

Flor, que junto a mi/debes sufrir, enamorada./Por tu devoción hacia otro Dios/el mundo nos separa,/con cruel frialdad no nos comprende,/nos denigra, nos ofende.[...] Qué nos importa de ese mundo,/sus religiones y sus clases,/si nuestro amor es tan profundo/que nadie, nada, nunca nos podrá separar. [...] À amante que sofre, outra das obsessões tangueiras, foi adicionado o incomum ingrediente “outro Deus”. O maestro, pressionado pela família, nunca gravou *Judía*. Já a paixão durou mais de duas décadas... ■

Heliete Vaitsman, jornalista, autora de *Judeus da Leopoldina*, é colaboradora deste Boletim.

O pecado original

Uri Avnery

Anos atrás, antes da fundação do Estado, quase ninguém falava de Israel como um Estado judeu, com essa conotação religiosa que querem hoje lhe dar. Falava-se, sim, de um Estado hebreu. Essa era a palavra de ordem.

Na escola, adquiríamos um amor ardente pelo país, por sua língua e pela *Bíblia* (então considerada um clássico da literatura hebraica). Aprendíamos a olhar com desdém a vida judaica na Diáspora. Isso, naturalmente, antes do Holocausto. Em 1933, passei a metade do ano em Nahalal, a legendaria aldeia comunal. Vendo-a pela primeira vez, fiquei maravilhado com o centro comunitário, a usina processadora de leite e a grande escola agrícola para meninas (frequentada por Moshé Dayan como o único aluno). Por pura curiosidade, perguntei pela sinagoga e me apontaram uma casa de madeira meio derrubada. “Tá ali, ó, o lugar dos velhinhos”, me respondeu um dos garotos locais. Não dá para entender o que aconteceu, pois, naqueles dias, quase todo mundo achava que a religião judaica estava a ponto de desaparecer, junto com aqueles velhos que falavam ídish e se apegavam a este idioma. Se uma pessoa predissesse que a religião judaica acabaria dominando o futuro Estado, teriam rido dela.

O sionismo representava, entre outras coisas, uma rebelião contra a religião judaica. Fora concebido em pecado – o pecado do nacionalismo secular que varrera a Europa após a Revolução Francesa.

O sionismo se rebelava contra a *halachá*, a lei religiosa que proibia os judeus de acorrerem em massa ao novo país. Segundo o mito religioso, D-us havia exilado os judeus do país como punição aos seus pecados e, assim, somente D-us os poderia trazer de volta. Por essa razão, praticamente todos os rabinos importantes – tanto os hassídicos como os seus oponentes – amaldiçoavam os fundadores do sionismo. (Desnecessário dizer que essas maldições – algumas bastante apimentadas – nunca constam dos livros

escolares israelenses.) E a estes se opunham politicamente em todos os foros.

Mas Ben Gurion, que se recusava a usar a *quipá* até mesmo em funerais (quando mesmo os ateus a usam como um gesto de respeito pelas crenças alheias), considerou que valia a pena trazer os ortodoxos para a sua coalizão governamental. Prometeu-lhes, portanto, liberar as poucas centenas de alunos das *ieshivot* do serviço militar e pagar por seus estudos e por sua manutenção, de modo que estes não seriam obrigados a trabalhar para o seu sustento.

As consequências mostraram-se inesperadas, o pequeno gesto tendo adquirido proporções monstruosas. Hoje, com esses que se evadem do serviço militar,

O pequeno gesto de Ben Gurion adquiriu proporções monstruosas.

dava para formar diversas divisões de exército. Constituem 13% de todos os que, anualmente, estão aptos para o serviço militar. Além do mais, cerca de 65% dos homens ortodoxos não trabalham de forma alguma e vivem a expensas do dinheiro público.

A situação tornou-se absurda: o Estado está pagando pela manutenção de uma população extensa e sempre crescente de parasitas escudados na *Torá* que o solapam. O Estado paga a centenas de milhares de jovens religiosos para mantê-los sem trabalhar. Dá generosos subsídios para que tenham mais e mais filhos (de 5 a 15 por família), a maioria dos quais também não trabalhará ou servirá ao exército. Pode-se calcular perfeitamente que a economia, cedo ou tarde, vai entrar em colapso, juntamente com o estado de bem-estar e

o “exército de cidadãos”, o qual se fundamenta no recrutamento.

Esse fenômeno todo é uma autêntica invenção israelense. No mundo inteiro, os judeus ortodoxos trabalham como todos os demais. Em Nova York, estão no ramo de aparelhos fotográficos: ao entrar numa enorme loja desse material, todo o local estava ocupado por judeus ortodoxos, com suas roupas tradicionais! Foi a primeira vez que minha mulher, fotógrafa profissional, e eu vimos judeus ortodoxos trabalhando.

O campo ortodoxo em Israel é um buraco que engole tudo o que dele se aproxima – por exemplo, os judeus orientais oriundos dos países islâmicos, genericamente chamados de *sefaradim*, embora somente uma fração deles descenda dos que foram expulsos da Espanha em 1492.

A tradição religiosa sefaradi sempre foi mais tolerante do que a ashquenazi. Isso engloba os ensinamentos de gênios como Maimônides, médico pessoal do grande Saladino. Maimônides proibiu seus discípulos religiosos de utilizarem os estudos como meio de vida e mandou-os sair e trabalhar. Os sefaradis conservam suas próprias tradições, vestimentas e símbolos.

No entanto, ao virem para Israel, deixaram-se subordinar aos ashquenazis e passaram a aceitar seu fanatismo cego, assim como o caftã e os chapéus originários da fria Europa Oriental, onde eram usados pelas classes superiores não judias séculos atrás. O partido dos sefaradis, o Shas, é totalmente subserviente à ortodoxia ashquenazi. Seu líder “espiritual”, o rabino Ovadia Yosef, baba diante dos rabinos anti-hassídicos oriundos do leste europeu, os assim chamados “lituanos”. Um rabino sefaradi, Haim Amsalem, que, há pouco, se rebelou contra Ovadia e seu partido, reclamando um retorno às tradições sefaradis de tolerância, foi rapidamente excomungado.

Nos primeiros dias de existência do Estado, os ashquenazis ortodoxos, embora

extremos em suas crenças religiosas, eram moderados no trato das questões nacionais. Não apenas deixavam de celebrar o Dia da Independência ou de saudar a bandeira, mas também tratavam de obstruir as aventuras nacionalistas de Ben Gurion, Moshé Dayan e Shimon Peres. Chegaram, mais tarde, a se opor à anexação dos territórios ocupados, não por qualquer amor excessivo pela paz ou pelos palestinos, mas devido à regra haláchica que proíbe a provocação dos *goim*, pois isso pode trazer dano aos judeus.

Quando os ortodoxos levantaram seus assentamentos, não o fizeram com qualquer fervor ideológico, mas apenas devido à necessidade de encontrarem alojamentos para a sua prole sempre crescente. O governo lhes proporcionou terra barata além da Linha Verde. Hoje em dia, os maiores assentamentos são ortodoxos – Beitar Illit, Immanuel e Modi'in Illit, este último localizado em terra roubada à aldeia árabe de Bil'in.

Graças ao apoio maciço da liderança sionista, o campo “nacional-religioso” cresceu em Israel a um ritmo desnordeante. Ben Gurion criou um ramo especial no sistema educacional para este, o qual foi-se tornando cada vez mais extremista, assim como o seu braço juvenil, o Bnei Akiva. Membros de uma geração da comunidade nacional-religiosa passavam à condição de professores da próxima, o que assegurava um processo de radicalização cada vez mais enraizado. Com o começo da ocupação, criaram o Gush Emunim (Bloco dos Fiéis), o cerne ideológico do movimento dos colonos. Atualmente, este campo é dirigido por rabinos cujos ensinamentos emitem um forte odor de fascismo.

Isso não seria tão terrível se o campo religioso que se opunha ao novo movimento sionista pudesse ter um efeito de neutralização, como aconteceu cinquenta anos atrás. Mas, na verdade, passou-se o contrário. Os nacional-religiosos foram ficando cada vez mais extremados no campo religioso e os ortodoxos mais e mais no campo nacionalista. As duas facções estão hoje muito próximas e constituem juntas um bloco ortodoxo-nacional-religioso.

A fonte de todo este mal é a não separação entre Estado e religião.

Os jovens da facção nacional-religiosa tratam com desprezo a morna religiosidade de seus pais e admiram o fervor substancial dos ortodoxos. Os da facção ortodoxa são seduzidos pelo canto nacionalista, diferentemente dos seus pais, para quem o Estado de Israel não seria diferente de nenhum estado gentio no sentido de lhes proporcionar vantagens e benefícios. Seu judaísmo não se parece com o que existia na Diáspora – nem no modelo ortodoxo, nem no reformista. É preciso que se diga: a religião judaica em Israel é hoje uma mutação do judaísmo, um credo tribal, racista, extremamente nacionalista e antidemocrático.

Coexistem agora três sistemas de educação religiosa: o nacional-religioso, o “independente” dos ortodoxos e o “el-Hama'ayan” (que se traduz por “rumo à fonte original”) do Shas. Todos os três financiados em 100% pelo Estado. As

diferenças entre eles são pequenas, comparadas às suas similitudes. Todos ensinam a seus alunos apenas a história do povo judeu, baseada, claro, nos mitos religiosos. Nada quanto à história do mundo, dos outros povos, para não mencionar as outras religiões. O Corão e o Novo Testamento representam o fulcro do mal e não devem nem ser abordados.

Os alunos típicos desses sistemas aprendem que os judeus são o povo escolhido (e amplamente superior), que todos os *goim* são antissemitas cheios de malevolência, que Deus nos prometeu este país e que ninguém mais tem o direito a uma polegada quadrada sequer de seu território. A conclusão natural é que os “estrangeiros” (os árabes, que vivem aqui há pelo menos treze séculos) devem ser expulsos – a menos que isso ponha os judeus sob ameaça.

Sob tal ponto de vista, acabaram-se as diferenças entre os ortodoxos e os nacional-religiosos, entre os ashquenazis e os sefaradis. Vendo na tela a “juventude das colinas”, que terroriza os árabes nos territórios ocupados, não dá mais para distinguir entre eles, nem pelas suas roupas, nem pela sua linguagem corporal ou pelos seus slogans.

A fonte de todo este mal é, naturalmente, o pecado original do Estado de Israel: a não separação entre Estado e religião, que se fundamenta na não separação entre nação e religião. A não ser uma completa separação entre as duas, nada salvará Israel da total dominação por essa mutação religiosa. ■

*Publicado no site do Gush Shalom.
Tradução de Renato Mayer.*

Martins Associados - Advocacia Trabalhista e Societária

Rua Senador Dantas, 20 Gr. 1509 - Centro - Telefone: 2240-9808

Rosana Yentas - Psicoterapia / Orientação Profissional

Consultórios: Botafogo e Tijuca - Cel.: 9956-5466

Helena Kaplan - Psicoterapia e Psiquiatria

Mauro Acselrad - Psiquiatria Clínica

Rua Joana Angélica, 217 – Ipanema
Telefones: 2522-1794/ 2523-3852
E-mail: acsel@globo.com

Anna e Heloisa Araujo Eventos
Cerimonial e Logística - Buffet próprio

Telefones: 2553-7013/2552-6929/8829-6929
E-mail: heloisa.ams@oi.com.br

O rebe e eu

Henrique Veltman / Especial para ASA

Eu não tinha a menor ideia de quem era esse tal de *rebe*, e não estava interessado em conhecê-lo. Em junho de 1972, eu estava nos Estados Unidos, convidado pelo Departamento de Estado, numa visita muito interessante. Comecei pela Flórida, depois o Colorado, Wyoming, Kansas e Missouri. Inesquecível foi a passagem pelo parque nacional de Yellowstone e pelo *barbecue* na fazenda dos Rockefeller. Depois, a volta a Miami e, de lá, por terra, até Nova York, comemorando o 4th of July numa pequenina cidade do *hinterland* americano.

Na Big Apple fui informado: além dos espetáculos teatrais, eu teria um encontro com o *rebe*, no Brooklyn. “Que *rebe*?”, perguntei assombrado. “O *rebe* de Lubavitch, todo judeu da *Manchete* que vem do Brasil, o Adolpho Bloch pede que eu marque um encontro, uai !”

É claro que fui ao encontro, em Crown Heights. Na antessala, um religioso de meia-idade, mal encarado, foi logo me avisando que eu teria apenas cinco minutos com o *rebe*. Por mim, tudo bem.

Mas o meu encontro com o líder do Lubavitch durou mais que isso, foi quase uma hora. Falamos numa mistura de ídish, inglês e francês. Tratamos da política mundial, um pouco sobre a União Soviética, a situação dos países árabes, Israel. Sobre o Brasil, apenas uma pergunta sobre o momento político. De religião não falamos absolutamente nada. Ele não estava interessado, eu, muito menos.

Ganhei um dólar na saída.

OS AMISH

Vocês devem ter visto o filme *A Testemunha* (*Witness*), estrelado por Harrison Ford e Kelly McGillis. A história do menininho amish, única testemunha de um assassinato e que acaba atraindo os criminosos à sua comunidade.

Na sequência inicial do filme, o menino puxa pelo casaco um judeu hassídi-

co, por ele confundido com um adulto amish. Lembram?

Há tempos, alguém teve a boa ideia de convidar um grupo de amish para um encontro com judeus hassídicos, no Brooklyn. Os judeus levaram os amish de Lancaster County, Pensilvânia, numa caminhada pelo seu mundo, dizendo que as suas comunidades são naturalmente atraídas, uma pela outra, pelo compromisso com estilos de vida mais simples.

“É gratificante para a comunidade amish ver como os judeus vivem conforme a *Bíblia*, e que assim têm vivido desde a época de Moisés e Abraão”, comentou Yisroel Ber Kaplan, diretor do Chassidic Discovery Center. “Os amish também estão vivendo suas vidas de acordo com

o que a *Bíblia* falou para eles.”

No Brooklyn, os lubávitchers vestem chapéus pretos e usam barbas como seus antecessores no século 18, falam o ídish, não ligam a eletricidade nem dirigem automóveis no Shabat. Os amish se locomovem em cavalos, charretes ou carroças, e vivem do campo.

Lubávitchers e amish, porém, utilizam telefones celulares, que constantemente tocavam enquanto andavam pela Crown Heights. Hassídicos operam a famosa loja de eletrônicos B&H em Manhattan. Dá pra entender?! ■

Henrique Veltman (*hbv@uol.com.br*), carioca, 74 anos, casado, jornalista, sociólogo e torcedor do América, é colaborador do Boletim ASA.

CICLO DE CINCO ENCONTROS EM ABRIL

Os Judeus no Rio

■ Dia 5, 5ª feira, às 19h30

Origens da comunidade judaica no Rio de Janeiro
Com os professores Flavio Limoncic e Fania Fridman

■ Dia 12, 5ª feira, às 19h30

Vida política e a criação de instituições de ensino dentro da comunidade
Com os professores Henrique Samet e Sonia Kramer

■ Dia 19, 5ª feira, às 19h30 – Histórias dentro da História (I)

● *As polacas*

Exibição do documentário *Aquelas Mulheres* e exposição da escritora Esther Largman

● *Os imigrantes judeus egípcios*

Exibição de documentário com depoimentos de imigrantes judeus do Egito e exposição da professora Joëlle Rouchou

■ Dia 26, 5ª feira, às 19h30 – Histórias dentro da História (II)

● A comunidade judaica nos bairros da Leopoldina

Com a jornalista Heliete Vaitsman, colaboradora do Boletim ASA

● A comunidade judaica nos bairros da Central

Com as diretoras do Museu Judaico Ana Antabi e Rachel Niskier

● A comunidade judaica do Rio: hoje e amanhã

Com o vice-presidente da FIERJ Helio Koifman

■ Dia 29, domingo, às 17 h

Exibição do filme *Judeus de Nilópolis*

Comentários do diretor, Radamés Vieira.

Preço do ciclo:

R\$ 30 (sócios quites com as trimestralidades) e R\$ 40 (não sócios). Aulas avulsas: R\$ 15

Seguindo a canção

No começo eram seis. Mais a regente. Desde então, a tenacidade de Claudia Alvarenga transformou aquele pequeno grupo num Coral que é hoje um belo cartão de visitas da comunidade judaica do Rio, o xodó da ASA, um prazer para o espectador e o ouvinte e a alegria dos seus coralistas. Graduada nos cursos de Licenciatura em Música e Composição pela UNI-Rio, Claudia assumiu a tarefa em 1995, e já no ano seguinte organizava o Primeiro Encontro Coral da ASA, que dentro de alguns meses fará a sua 16ª edição. O dia a dia do Coral, as suas dificuldades e os seus êxitos são assuntos da entrevista abaixo.



Foto Sara Markus Gruman

ASA - Muitas pessoas se mostram surpresas ao verem que os integrantes do Coral da ASA cantam sem partitura e, sobretudo nos casos de letras em hebraico e idish, têm boa pronúncia, apesar de um número significativo não ser judeu e, portanto, não ter familiaridade com estes idiomas. Como é feito esse trabalho? Já houve desistências motivadas pela dificuldade dos idiomas?

Claudia Alvarenga – O trabalho com as músicas em outros idiomas é feito passo a passo. Utilizamos vários recursos: o texto é distribuído para o grupo, lemos juntos passando frase por frase, conversamos sobre a tradução contextualizando-a, a pronúncia dos fonemas estranhos ao nosso idioma é enfatizada, as vozes são estudadas separadamente no ensaio. Atualmente, existe uma facilidade maior em acessar as informações. Costumo enviar links com versões das músicas que cantamos. Muitas vezes os próprios coralistas fazem isso ao pesquisarem mais sobre as músicas e repassam para o grupo. Além da partitura distribuída no ensaio, gravo arquivos de áudio, enviados por email, com a melodia de cada voz para que as pessoas possam ouvir e estudar em casa. O coralista não precisa saber os idiomas nem ler uma partitura. A ideia é oferecer recursos visuais e auditivos para que ele ou ela se familiarize mais rapidamente com o material musical. Já tivemos desistências em função do idioma, mas isto não é a maioria dos casos. Em grande parte, a desistência ocorre por uma certa falta de afinidade do indivíduo com o repertório, é uma questão

do gosto individual. Algumas pessoas querem cantar no coro, mas prioritariamente música popular brasileira. Se percebem que este não é o foco e não se identificam com o que é apresentado, não ficam.

ASA - Em eventos fora da comunidade, o Coral apresenta músicas do repertório judaico? Neste caso, qual é a reação do público?

Claudia – Sim, costumamos cantar as músicas judaicas fora da comunidade. Mesmo que a apresentação conste de poucas canções, é importante levar alguma peça deste cancionário, como um elemento que represente a identidade do coro. A reação do público é bastante positiva, favorável. Até porque, sabendo que o público conhece pouco do repertório em questão, costumamos acrescentar alguma explicação que esclareça o sentido do texto. A contextualização pode permitir uma conexão maior do ouvinte com a música.

ASA - Como é feita a seleção das músicas a serem ensaiadas?

Claudia – Basicamente esta escolha oscila entre as exigências dos eventos da ASA nos quais o grupo participa e o desejo do próprio grupo. Na medida do possível, tentamos mediar essas escolhas, procurando atender a todos e considerando que nosso ensaio é de duas horas semanais.

ASA - Os admiradores costumam ter as suas músicas prediletas, aquelas que são aguardadas em cada uma das apresentações. Quais são elas?

Claudia – Essas preferências variam ao longo do tempo. Do repertório mais antigo de canções brasileiras, podemos destacar a canção nordestina *Eu sou viúvo e Falta um zero no meu ordenado*, de Ary Barroso e Benedito Lacerda. Das mais recentes, um grupo de canções de Noel Rosa, entre as quais *Conversa de botequim* e *Gago apaixonado*, fez bastante sucesso com o público. Do repertório judaico, podemos citar vários exemplos de canções que têm feito as plateias se emocionarem: *Hava naguila*, *Sha shtil*, *Arum dem fáier* (especialmente quando acompanhada de um pandeiro), *Una tarde de verano* e, mais recentemente, *Bashaná habaa*.

ASA - Muitos corais se ressentem do pequeno número de vozes masculinas. O Coral da ASA não é exceção. A que você atribui esse fenômeno?

Claudia – Creio que seja um fenômeno cultural. Em geral, neste momento e onde vivemos, os homens participam em menor quantidade das atividades artísticas ligadas ao canto coral. De fato, muitos corais no Rio de Janeiro passam pela mesma situação. Seria necessário um estudo mais aprofundado para entender o motivo.

ASA - Nestes 15 anos, que fatos mais marcaram a trajetória do Coral? Pode lembrar histórias pitorescas envolvendo o grupo?

Claudia – Temos certamente muitas histórias para contar, algumas relatadas na nossa apresentação de 15 anos, em dezembro do ano passado. A primeira

história foi no dia 11 de agosto de 1999, quando anunciaram que seria o fim do mundo, de acordo com as previsões de Nostradamus. Paulo Dias, ao voltar do trabalho para casa, pegou o ônibus errado e, quando percebeu, estava em frente à **ASA**. Imaginou que seria provavelmente o último dia de sua vida e, como tinha ouvido falar que ali existia um coral, ficou na porta do auditório assistindo ao ensaio. Desde então, ele é um dos nossos tenores. Temos também a história de Claudia Scholte e Nelson Simas, que se conheceram nos ensaios, namoraram e se casaram. Têm um filho, Conrado, o mascote do grupo. O Coral faz parte da vida deles e de toda a família. Além das histórias das relações individuais com o coro, tivemos apresentações emocionantes, como as duas que fizemos

em Buenos Aires, no Festival de Cultura Ídich (ICUF), em 2004 e 2007, e na Sala Cecília Meireles, no Rio de Janeiro, no Festival Cantapueblo Brasil 2008.

ASA - Compare as dificuldades que enfrentou nos primeiros tempos com as de hoje.

Claudia – Nos primeiros tempos, a dificuldade era formar e estruturar o grupo, observando e preservando os mecanismos que proporcionavam um melhor funcionamento da atividade, além da constituição de um perfil de coro. Depois de 15 anos de atividades ininterruptas, a dificuldade é de manutenção. É necessário proporcionar uma espécie de rotina com elementos que possibilitem agregar novidades e manter o interesse dos integrantes do grupo. Neste momento, por exemplo, seria interessante

que tivéssemos mais vozes masculinas para um maior equilíbrio vocal e musical do coro.

ASA - O que o interessado deve fazer para se integrar ao Coral da ASA?

Claudia – Estar disponível semanalmente às quartas-feiras, das 20h às 22h, para participar dos ensaios e gostar de cantar são as primeiras condições. É necessário também preencher uma ficha de inscrição. É só ligar para a secretaria: 2539-7740 ou 2535-1808. Será marcada uma entrevista ou um dia para que o interessado assista a um ensaio. Não precisa saber ler partitura, ter estudado canto ou conhecer hebraico e ídich. Aos que quiserem conhecer o grupo, abrimos um canal com vídeos de apresentações. Basta acessar <http://www.youtube.com/asacoral>. ■

NOTAS

Foto: Natália Oliveira

Solidariedade ►

A **ASA** participou da grande cadeia de solidariedade às vítimas das enchentes que assolaram a região serrana do Rio no mês de janeiro. Recolhemos grande quantidade de doações, que foram encaminhadas à Cruz Vermelha.

Holocausto

O dia 27 de janeiro foi instituído pela ONU como o Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto. No Rio, a cerimônia oficial foi no dia 26 de janeiro, no Palácio Itamaraty. O presidente da **ASA**, Mauro Band, representou a entidade no evento.



O presidente, Mauro Band, e o diretor Moisés Ghersgorn com parte das doações encaminhadas à Cruz Vermelha.

Cartas para **ASA**: Rua São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro/RJ - CEP 22260-001; telefax (21) 2539-7740 ou e-mail asa@asa.org.br c.c para smgruman@terra.com.br
Devem conter nome e endereço completos, telefone e assinatura. Havendo restrição de espaço, poderão ser encurtadas sem autorização dos remetentes

ORIENTAÇÃO PARA A ECT

Endereço para devolução deste impresso: R. São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22260-001